



## **CORPO E GÊNERO NO TATAME: UMA ANÁLISE DO MATERIAL PUBLICADO EM UMA REVISTA ESPECIALIZADA EM ARTES MARCIAIS**

Fatima Regina Cecchetto  
Patricia Silveira de Farias  
Juliana Corrêa

### *Introdução*

Este artigo faz parte da pesquisa “Masculinidades e vulnerabilidades: discursos e práticas em torno dos efeitos do consumo de esteróides-anabolizantes na saúde”, que conta com o apoio do CNPq. No presente texto, o objetivo é analisar as matérias sobre substâncias esteróides anabolizantes (EAA) publicadas na revista Tatame, entre os anos 1996 e 2009. O foco será verificar o tipo de abordagem dada ao tema, demarcando as visões e os discursos que estão associados ao consumo de EAA.

A motivação para o estudo foi a identificação de um descompasso entre os conteúdos veiculados que condenam o uso de anabolizantes e uma série de estímulos para o desenvolvimento da musculatura, através da publicização de imagens hipertrofiadas do corpo masculino. Esse padrão é sustentado por uma indústria, um mercado e um conjunto de práticas de massa destinadas à fabricação de músculos, jamais vistos (Courtine, 1995).

Nossa hipótese é que a musculatura exacerbada como símbolo da masculinidade se manifesta nas matérias publicadas e que, portanto, a construção de um corpo cada vez mais “forte” é incentivada. Tal postura também reflete a relação destas revistas com a publicidade sobre suplementos alimentares que intensificam a força muscular e a performance atlética, na qual muitas delas se apóiam.

A análise sobre o material divulgado pela imprensa especializada permite que se verifique o que tem sido discutido no circuito (cf. Magnani, 2005) dos praticantes de lutas marciais sobre o uso de EAA. Nesse sentido, esse texto é um primeiro movimento no tratamento desta discussão, com o intuito de observar qual o enfoque dado pela mesma, ou seja, quais os temas mais recorrentes e os discursos sobre os usos de anabolizantes neste meio.

### *A Tatame*



A amostra utilizada nesta pesquisa correspondeu às edições publicadas entre os anos de 1996 e 2009 da revista Tatame<sup>1</sup> uma publicação mensal distribuída em todo o território nacional desde o ano de 1994.

A Tatame aborda as diversas modalidades de artes marciais, com destaque para o Jiu Jitsu, Judô, Boxe, Muay Thai e o MMA (Mixed Martial Art). O enfoque maior dado é para os campeonatos realizados, com a cobertura das principais competições nacionais e internacionais. As matérias estão relacionadas com o circuito das lutas em geral, apresentando desde o cotidiano dos lutadores, entrevistas com os principais campeões dos torneios, além de recuperarem um pouco da história do surgimento de cada uma dessas modalidades de luta.

Segundo as informações veiculadas no *site* da Tatame, a revista é basicamente consumida pelo universo masculino, praticantes ou não dos referidos esportes. Nela, há uma expressiva quantidade de matérias que se detém sobre uma determinada imagem que os lutadores possuiriam no que é descrito como a “grande mídia”, onde entraria com destaque a associação entre lutadores de jiu-jítsu e violência. Destacam-se também conteúdos referentes à preparação física dos lutadores, abordando assuntos relativos à alimentação e nutrição, dietas para perda de peso antes de competições, aumento do desempenho através de suplementação nutricional, sugestões de treinamento e de como evitar lesões.

Do universo das 168 revistas publicadas entre 1996 e 2000, foram selecionadas as matérias cujos títulos apresentavam a palavra “anabolizante” ou *doping*<sup>2</sup>, somente quatro. As ausências ou lacunas referentes à temática explorada no material pesquisado serão devidamente analisadas. Além disto, verificou-se também o meio circundante (Farias, 2003), ou seja, o conteúdo jornalístico de cada edição, de modo a se obter uma visão mais ampla dos temas que predominavam no período selecionado. *Foram examinadas matérias veiculadas em espaços variados da revista, como “boxes” (“caixas” de texto que destacam determinado assunto constante em uma página, postas em relevo na página a partir de um distinto sombreado ou de fios circundantes), capas, contracapas e espaços publicitários.*

---

<sup>1</sup> Segundo dados disponibilizados no site da revista, aproximadamente 70.000 pessoas leem a revista todos os meses e dentre estas, 76% são do gênero masculino, enquanto que 24% são mulheres. Ainda de acordo com a Tatame, 70 % dos leitores da revista se situam na faixa de idade dos 15 aos 35 anos. Com relação à escolaridade, 54% possuem o segundo grau, enquanto que 33% possuem ensino superior e somente 13% possuem somente o primeiro grau. 76% dos leitores são solteiros e 24% são casados. A tiragem média é de 22.000 exemplares, com distribuição nacional. E existe uma média de 1.100 assinantes (<http://www.tatame.com.br>)

<sup>2</sup> Considera-se como doping a utilização de substâncias ou métodos capazes de aumentar artificialmente o desempenho esportivo, sejam eles potencialmente prejudiciais à saúde do atleta ou a de seus adversários, ou contrário ao espírito do jogo. Quando duas destas três condições estão presentes, pode-se caracterizar um caso de doping, de acordo com o Código da Agência Mundial Antidoping (AMA). (Ver site COI [http://www.cob.org.br/noticias/download/Livreto\\_doping\\_2010.pdf](http://www.cob.org.br/noticias/download/Livreto_doping_2010.pdf))



Foi realizada uma leitura abrangente do conjunto das matérias, procurando captar os sentidos e significados atribuídos ao uso de EAA no contexto social das lutas, de acordo com o que preconiza a análise de discurso (Minayo, 2008). Posteriormente foram destacados alguns temas considerados mais relevantes para a investigação, quais sejam: a) os títulos das matérias; b) os assuntos centrais; c) os personagens; d) as substâncias utilizadas; f) as intervenções e recomendações; g) o espaço social da comercialização de EAA; h) propagandas relacionadas ao aumento da musculosidade. Esses temas serviram de base para destacar as recorrências e as ambigüidades no tratamento dos anabolizantes.

#### *Discursos sobre os Anabolizantes na revista Tatame*

Em relação ao material levantado, o primeiro ponto que nos chamou atenção foi a escassez de matérias sobre os EAA. Como é sabido, no contexto da lutas e do *fitness*, o consumo de tais substâncias é bastante usual (Lise et al, 1999; Da Silva et al, 2002; Iriart, 2002). Embora normalmente ocultado, o uso de anabolizantes mantém uma relação estreita com as formas musculares exacerbadas da maioria dos praticantes de artes marciais e fisioculturistas, buscadas para potencializar o desempenho esportivo. Pode-se supor que o silêncio em relação ao assunto estaria expressando o estigma que carregam tais práticas nesse meio, seguindo o mesmo padrão que abrange o uso de drogas ilícitas em geral, ou seja, a proibição (sobre o estigma do uso de drogas e suas decorrências no campo dos EAA, ver Weatherburn, 2009).

Essa proibição, paradoxalmente, acarreta um uso descontrolado, trazendo maiores problemas de saúde. O consumo de substâncias de qualidade duvidosa, as superdosagens de EAA e o compartilhamento de seringas são condutas tidas como arriscadas, porém freqüentes entre os seus usuários, que parecem minimizar os danos que os anabolizantes promovem à saúde em prol da satisfação com a aparência corporal. Em alguns casos, as doses chegam a superar em mais de 100 vezes a quantidade prescrita para fins terapêuticos, o que aumenta em muito a incidência de efeitos colaterais. Mais grave ainda, o uso de produtos inadequados para o organismo humano que podem ser letais - parece ser uma estratégia adotada para driblar a proibição e obter o tão desejado “corpo forte”.

Os danos sérios provocados por uso indevido de substâncias para intensificar a força e a musculatura têm sido destacados tanto na imprensa quanto em artigos científicos do campo biomédico, que se dedicam a examinar o perigo das “bombas” para o organismo. Dentre os efeitos adversos mencionados estão disfunções em órgãos vitais como coração e fígado, alterações



psíquicas e comportamentais de indivíduos que abusaram de doses de EAA, envolvendo, em alguns casos, episódios de violência interpessoal e até homicídios. Essa associação é discutida pela literatura biomédica e a questão dos atos violentos desencadeados diretamente pelo uso de EAA não apresenta consenso (Thiblin, 2002; Talih, 2007).

É sabido que os hormônios esteróides por si só não induzem um ser humano a um ato de agressão (Kanayama et al 2008). Todavia, eles podem aumentar a probabilidade de a pessoa agir violentamente, diante de estímulos internos e externos. Nesse sentido, é preciso levar em conta as configurações de masculinidade entre os usuários que lançam mão de substâncias anabolizantes. Esta vertente dos efeitos dos anabolizantes foi corroborada em pesquisa com lutadores de artes marciais, e é a tônica da visão sobre os pitboys, um tipo truculento de iniciante de jiu-jítsu, que apareceu na cena do Rio de Janeiro nos anos 1990<sup>3</sup> Assim, pelo menos desde 1992 constam registros policiais acusações sobre lutadores de jiu-jítsu e suas ações truculentas na noite carioca, e desde então são crescentes matérias jornalísticas sobre o assunto (O GLOBO, 31/07/2000).

Segundo as análises, o estopim das brigas era as paqueras agressivas, o uso de bebidas alcoólicas e drogas que estimulavam a violência e a agressividade<sup>4</sup>. Neste contexto, os efeitos dos anabolizantes apareceram como uma chave explicativa para as práticas violentas dos homens<sup>5</sup>. Porém pouco se falou sobre o reforço da hipermasculinidade (Klein, 1993), isto é, um tipo de identidade de gênero baseado na positivação da força física, virilidade e vigor, atributos equacionados à superioridade masculina.

É por aqui que pretendemos conduzir uma reflexão sobre o processo de uso de anabolizantes interligado à construção social da masculinidade, levando em conta as motivações e caracterizações dos padrões de uso de EAA, complementando-as, porém, com as análises provenientes de revistas especializadas, visando alargar o conhecimento sobre as concepções e experiências coletivas ligadas ao corpo masculino. Nesta direção, encaramos a circulação destes meios impressos específicos para os lutadores e amantes das artes marciais como um viés particularmente fértil do campo estudado. Desta forma, se a imprensa em geral pode ser considerada como um locus de operação e criação de

---

<sup>3</sup> Acredita-se que esses personagens tenham aparecido no início da década de 1990, em resposta aos chamados arrastões nas praias protagonizados pelos “funqueiros”, que estariam tomando territórios nas praias e nas ruas da Zona Sul (Ver Farias, 2000).

<sup>4</sup> No verão do ano 2000, uma famosa boate situada numa ilha na Zona Oeste da cidade foi destruída sob o comando dos Pit-boys. Na narrativa da imprensa o que deflagrou a violência teria sido uma rixa familiar. Os lutadores e seus pares golpearam tanto outras pessoas, quanto bateram em policiais civis que tentavam prendê-los. Entre eles, um “Gracie” esfaqueou seu desafeto. Em setembro do mesmo ano, o Jornal do Brasil noticiou mais uma vez a ação truculenta de “pit boys” que espancaram mulheres que simplesmente davam a entender que não aceitavam seus achaques. Aqui os ataques às mulheres e a “caça” aos homossexuais por jovens bem-nascidos da Zona Sul, apresentar-se-iam como manifestações misóginas e homofóbicas que ganham aprovação do grupo de pares

<sup>5</sup> “Pancadaria nas boates da Zona Sul”, *JB*, Cidade.15.02.2000.



consensos (cf. Bourdieu, 2004, e as análises de Farias, 1997 e 2003), os órgãos especializados potencializam estes movimentos, dialogando diretamente com os consumidores e se colocando como um personagem a mais do campo (Bourdieu, idem). Entretanto, este personagem adquire mais força, pois é através dele que atores e procedimentos são amplificados e tornados visíveis. A partir daí, tais veículos, com muito maior força do que a imprensa em geral, mas sempre em diálogo com ela, se transformam em latentes prescritores de atitudes, crenças e práticas entre seus leitores.

Dos títulos examinados na Tatame, dois trazem um posicionamento crítico em relação aos anabolizantes. Um alertando sobre o perigo, *“Anabolizantes: a sua saúde em perigo”*(1999) e o outro questionando o conhecimento do leitor sobre as implicações do uso de doping *“Doping: Você sabe o que está tomando?”*(2000).

Ambos dialogam com os leitores como se estes fossem consumidores dessas substâncias, através do uso de uma linguagem que evoca uma interação com o leitor. Essa estratégia adotada sugere um movimento de aproximação com o possível usuário e ao mesmo tempo parece reconhecer que o chamado uso *não médico* de EAA para intensificar o desempenho esportivo não é incomum entre os lutadores. Já os títulos *“Substâncias Ergogênicas e Doping”* (1998) e *“O Hormônio do Crescimento GH O Anabolizante da Moda”* (1998), podem ser considerados mais neutros, isto é, seus enunciados se apresentam como tendo um propósito apenas informativo. Contudo, a condenação do uso aparece no corpo do texto por meio da referência ao Comitê Olímpico Internacional (COI), onde se ressalta que o uso é considerado *ilegal e antiético*, uma vez que o rendimento esportivo será atingido *artificialmente* (o grifo é deles). De toda forma, é possível argumentar que todas as matérias foram veiculadas justamente num período em que na grande imprensa se propalava a violência e os desastrosos atos dos lutadores, e se firmava o epíteto/personagem específico do “pitboy”.

O uso indiscriminado e os riscos associados ao uso prolongado de EAA são os assuntos mais recorrentes nas matérias selecionadas, sendo apresentados com mais ou menos detalhes de ordem médica e/ou científica. Em geral, as matérias trazem a opinião de médicos, nutrólogos e professores de educação física, profissões mais comuns no ambiente da luta e do fitness. A seguir, destacamos a forma como os assuntos são apresentados nos títulos das matérias.

*Aumento do consumo,-Usos terapêuticos, Riscos associados à altas dosagens por longos períodos -Atuação do hormônio no organismo,- Melhora da performance por uso de substâncias ergogênicas, Doping - Drogas sujeitas a certas restrições pelo Comitê Olímpico Internacional*



(COI),- *Mortes ocasionadas pela utilização de anabolizantes, Insatisfação com a forma física, Culto ao corpo, Ganho rápido de força física, Mercado negro de esteróides.*

Pode ser dito que os temas apresentam uma atualidade, procurando focalizar a diversidade que permeia o circuito, com certa ênfase no aspecto subjetivo do consumo que estaria na base do uso de EAA. Neste sentido, uma matéria lembra o crescimento da “cultura do corpo” na última década como uma das possíveis razões para o aumento do consumo dessas substâncias entre frequentadores de academias no país. Nota-se uma preocupação da revista em advertir para a inexistência de dados oficiais sobre o uso ilícito de anabolizantes.

Nessa linha, observa-se o apoio e o reforço de medidas punitivas em relação à comercialização de substâncias anabolizantes no mercado negro de esteróides. As ações sempre citadas são: a fiscalização e punição de médicos e professores; a cassação dos registros de profissionais que não seguirem as normas e por fim a interdição e multa de academias e estabelecimentos irregulares. A adoção de teste anti-doping em campeonatos é lembrada como mais uma medida preventiva

Destaca-se, entretanto, a recomendação, para os atletas que já fazem uso de EAA de que procurem um médico para iniciar um tratamento e pararem de tomar as substâncias. Tal destaque reafirma o reconhecimento, por parte da revista, do uso não-médico (Handelsman, 2006) do EAA, referido na melhora da aparência e da performance.

Os lutadores de jiu-jitsu e Vale-Tudo, praticantes de bodybuilding/fisioculturistas e frequentadores de academias são os personagens mais citados. Embora os protagonistas sejam em sua maioria homens, no corpo das matérias o sexo raramente é mencionado. Apenas uma revista aborda com detalhes o caso de uma mulher fisioculturista de 33 anos, citada na matéria “*Anabolizantes: A sua saúde em perigo*” que morreu ao final dos anos 1990, devido a complicações decorrentes da ingestão de esteróides anabolizantes. A atleta foi descrita como mais uma vítima do uso indiscriminado indicado por professores despreparados.

Nesse sentido, existe uma preocupação em reforçar o uso médico indicado por especialistas “Só quem pode receitar qualquer substância, incluindo os suplementos mais simples, é um médico ou nutricionista”. A matéria enfatiza as medidas punitivas dirigidas ao professor de Educação Física ou Artes Marciais que for pego desempenhando esse papel ou incentivando o uso estético. Desta forma, o profissional médico/nutricionista e suas recomendações parecem estar acima de qualquer desconfiança, e as alianças entre estes profissionais e seus clientes são as mais valorizadas.



As matérias focalizam também os espaços que promovem o incentivo para o uso. São mencionados os balconistas das lojas de suplementos e os usuários de anabolizantes que atuam como incentivadores, na medida em que sugerem substâncias específicas comercializadas por alguns deles. A aquisição ilegal dos esteróides nas farmácias foi lembrada na reportagem *Anabolizantes: A sua saúde em perigo*.

A utilização da internet também foi citada, já que inúmeras páginas veiculam informações não confiáveis sobre dosagens, composição dos EAA, duração de “ciclos”<sup>6</sup>, dicas para a realização de coquetéis de anabolizantes, com o propósito de ensinar o usuário sobre como utilizar os esteróides por conta própria. Estes espaços são descritos como locais onde é possível conseguir com facilidade tais produtos, alimentando aquilo que é denominado como “mercado negro de esteróides”.

As imagens que acompanham estes personagens em geral trazem caricaturas de homens musculosos com sorrisos infantis, sugerindo os efeitos dos anabolizantes tanto no corpo como na mente do usuário. Levando mais adiante, as matérias reproduzem fotos ampliadas de ampolas e seringas que parecem alertar para o tamanho do perigo dos EAA. Uma delas exibiu como pano de fundo os fragmentos de embalagens de algumas substâncias anabolizantes, destacando a *venda sob prescrição médica*. Como foi descrito, o tom é alarmista, apontando visivelmente para uma intenção em explicitar o risco, torná-lo central no quadro geral da matéria.

Nessa direção, os principais esteróides anabolizantes mencionados são o Winstrol, o Primobolan, o Anavar e o Hormônio do Crescimento (GH), descritos como medicamentos para intensificar o desempenho esportivo e que são considerados como *doping*. Mas o maior dos vilões é o Potenay, um estimulante de uso veterinário para cavalos, inadequadamente utilizado com o mesmo fim.

Uma das matérias faz uma distinção entre as substâncias anabólicas consideradas “naturais” e as “não naturais”. Os suplementos nutricionais enquadram-se na primeira categoria e os EAA, na segunda. Há uma classificação do “natural” como “não hormonal” e do “não natural” como hormonal. Nesta leitura, portanto, os hormônios não seriam vistos como produtos do organismo, assim como a produção farmacológica de suplementos e/ou hormônios não seria problematizada. O trecho a seguir exemplifica essa categorização a partir da definição de suplementos como:

---

<sup>6</sup> A utilização de anabolizantes em “ciclos” é descrito como um esquema de consumo inicial de anabolizantes em pequenas doses aumentadas gradualmente até o final da segunda ou terceira semana, seguidas de doses decrescentes é uma das formas descritas de uso de EAA, defendida pelos usuários como uma forma segura de obter os efeitos desejados a curto prazo. Tal procedimento possibilitaria gerenciar os riscos, minimizando os efeitos nocivos do uso prolongados das “bombas” (Lise et al, 1999).



... nada mais do que alimentos ricos em determinados nutrientes, capazes, dependendo de sua composição, de melhorar a performance, a composição corporal, prevenir lesões e melhorar o tempo de recuperação de um atleta. Podem funcionar como substâncias anabolizantes, mas não guardam nenhuma relação com os produtos a base de hormônio...

Ainda nesta reportagem, os efeitos dos suplementos no organismo são comparados à atividade anabólica de uma banana: “os nutrientes liberados serão absorvidos por uma infinidade de células, contribuindo para manter um equilíbrio orgânico”. Na sequência, a mesma matéria alerta para a possibilidade de existirem alguns esteróides “disfarçados” de suplementos alimentares.

Outra matéria apresenta uma discussão sobre o poder dos ergogênicos, ou seja, de substâncias que podem intensificar a potência física, a força mental ou o limite mecânico no contexto esportivo. No entanto, é feita uma distinção entre os ergogênicos nutricionais e ergogênicos farmacológicos, seguindo a lógica anterior que opõe natural a hormonal.

Como exemplos de ergogênicos “nutricionais” são citadas as bebidas energéticas, os repositores hidroeletrólíticos, as vitaminas antioxidantes e os aminoácidos de cadeia ramificada. Os farmacológicos são definidos como drogas destinadas a funcionar como hormônios ou neurotransmissores, normalmente encontrados no nosso corpo, como as anfetaminas.

O que se sugere é que os suplementos alimentares são ergogênicos nutricionais e os farmacológicos seriam *drogas* sujeitas a restrições diante do COI. O artigo termina lembrando que apesar de existirem algumas drogas que são ergogênicos eficazes, o seu uso pode aumentar o risco de vida, além de oferecerem riscos ao exame antidoping, como é apresentado no trecho a seguir:

“... lembre-se: antes de começar a utilizar qualquer substância ergogênica, certifique-se que a mesma é saudável e que não lhe trará nenhum problema de saúde, nem fará com que você seja eliminado de uma competição importante por Doping” (n. 36, p46, 1998)

O que chama a atenção nessa reportagem é a intencionalidade do artigo, pois não ficam claros quais os riscos da utilização de ergogênicos e o porquê e quais causam esses riscos. Há uma preocupação em deixar clara a diferença entre substâncias esteróides anabolizantes proibidas e os suplementos alimentares não proibidos.

Mais importante que isso, o uso estético/competitivo de esteróides anabolizantes é condenado, enquanto a utilização de suplementos para o mesmo fim é sancionada na reportagem e estimulada via publicidade que acompanha as matérias, seja na própria página ou ao longo da revista.

Das quatro reportagens analisadas, duas apresentavam, ao final da página, um box com o anúncio de suplementos da qual a autora das matérias, uma nutricionista, ao que tudo indica, uma





empregada da indústria de suplementos. A publicidade sugere que o produto é um equipamento mais eficiente do que o utilizado na academia: “aumente sua massa muscular com o melhor *equipamento* do mercado”. O equipamento no caso era um suplemento à base de albumina e proteinato de cálcio, posto à venda através de um número de telefone e site.

Assim, podemos notar que há uma articulação entre o discurso condenatório sobre os anabolizantes e a propaganda de suplementos. É como se o anúncio desviasse a atenção das “bombas” para os suplementos, tal como uma medida compensatória, uma “suplementação”. Pode se pensar também que o anúncio de substâncias relacionadas ao aumento da musculosidade e do rendimento precise ser veiculado, pois integra um informe publicitário, ou seja, um espaço comercial pago pelo anunciante, cobrindo os custos da revista, sustentando, portanto, sua publicação. A clivagem executada entre não-natural (anabolizantes) e natural (suplementos) é reforçada por outra, ou seja, substâncias que precisam do aval do personagem médico/nutricionista e outras que são escolhidas pelo freguês e “prescritas”/sugeridas pela própria revista. Evidência disto é a condenação do “mercado negro de anabolizantes” representado por Internet e profissionais de qualificação desconhecida, de um lado, e anúncios que incentivam a compra de suplementos através justamente de sites da Internet e pedidos por telefone.

Em suma, em todas as revistas examinadas, é frequente a veiculação de anúncios de suplementos alimentares, com destaque para aminoácidos, proteinato de cálcio, creatina, albumina, como já dito. Nestes, são exibidas fotografias de homens hiper-musculosos, segurando imensos potes de suplementos alimentares. Há uma clara associação entre músculos, masculinidade e superação de limites físicos. Um exemplo disso é o chamado de um anúncio: “*Tome essa porrada*”. A expressão indica o suplemento “Sport Amino Liquid” como o único capaz de fornecer uma determinada quantidade de aminoácido por dia (com 30.000 mg).

Outro anúncio remete à identificação dos suplementos nutricionais como um meio natural e, portanto, saudável para o ganho muscular. “*A Força Natural. A empresa X tem uma linha completa de produtos 100% naturais para você ganhar energia e massa muscular de forma rápida e segura*”.

Outra propaganda promete a musculosidade rápida: “*Músculos Fortes e Definidos! Use o mais completo suplemento alimentar em proteínas*”. Há uma recomendação explícita de como obter a massa desejada pelo lutador, fisiculturista, atleta ou esportista que *precisa de vitaminas e nutrientes vitais para um melhor desempenho, corpo forte e músculos bem definidos*. O produto é apresentado como um poderoso suplemento que contém mais proteínas do que qualquer outro existente no mercado, além do suave sabor de ice cream! A matéria termina convocando o leitor a



experimentar o *Lean Body*, substância comercializada por um famoso fisioculturista que aparenta ter mais de cem quilos de músculos.

Enfim, a própria revista se apresenta como uma espécie de potente revigorante: “Tatame: um suplemento de informação”. Nesse reclame, é exibida a imagem de uma enorme embalagem de suplementos alimentares cujo conteúdo eram várias revistas Tatame.

Apesar do foco da pesquisa ter sido as matérias que traziam em seu título as palavras “doping” e/ou “anabolizantes” e só terem sido encontradas quatro recorrências deste tipo, o assunto foi abordado indiretamente em outras matérias e em espaços variados da revista como, por exemplo, na coluna *cartas dos leitores*, em frases do ano de lutadores, ou ainda na fala dos mesmos durante reportagens. Para efeito de análise desse material, foi destacada uma matéria com um lutador de Vale Tudo.

A reportagem “*Um lugar ao Sol*” (2008) relatava a trajetória de um campeão mundial, *Pezão*, desde a sua infância “simples” até o sucesso no esporte. O enfoque é dado aos desafios enfrentados pelo lutador que quase o afastaram da carreira de sucesso, dentre os quais a infância pobre, problemas de saúde e a condição financeira. Ao final da matéria, havia um box com o título entre aspas: “*Não preciso de anabolizante pra vencer*”. O comentário dava conta de que *Pezão* fora pego no exame antidoping durante um campeonato mundial. O laudo da Comissão Atlética apontava a utilização da substância boldenona. Entretanto, o atleta segue afirmando que sofreu perseguição e nega o uso: “*Estou me sentindo prejudicado pelos exames realizados, pois tenho a convicção de que jamais fiz uso indevido de alguma substância para essa luta*”. A entrevista finaliza com uma declaração de inocência: “*Estou certo de que sou realmente um campeão de verdade, não precisando estar anabolizado para obter vitórias*”.

Como visto, nesta e em outras reportagens, há uma retórica da negação, embora os indícios corporais e médicos mostrem o contrário.

### *Considerações finais*

A condenação do corpo cada vez mais musculoso não aparece em nenhuma das matérias analisadas, enquanto o uso de anabolizantes para esse fim é recriminado. Sugere-se que este descompasso seja intencional, na medida em que a revista veicula anúncios de suplementos alimentares para o ganho muscular, e desta forma incentiva o aumento da musculabilidade. Isto configura uma ambigüidade, porém o incentivo à musculabilidade não é apenas percebido nos espaços publicitários. Aliás, como mostra Farias (2003), a publicidade pode ser entendida como um



lugar onde se disseminam e se enfatizam determinados comportamentos, que são construídos, porém, no contexto mais amplo da vida social (:210).

Pode-se pensar também que este tipo de construção do corpo forte seja visto de modo naturalizado, associando diretamente a musculosidade à masculinidade. Nenhuma das reportagens vislumbra a possibilidade de um uso controlado ou supervisionado pelos médicos (Evans,2004). Em geral, todas afirmam que é preciso reprimir o uso dessas substâncias nas academias, apoiando-se no modelo biomédico proibicionista que condena o uso estético.

A polêmica que gira em torno do uso de anabolizantes tem mais coró no campo esportivo, no meio profissional atlético, devido ao caráter ético da utilização das substâncias, ligado a noção de “fair play”, ou seja, ao jogo justo, jogo limpo, pois argumenta-se que a utilização dos EAA por alguns atletas promoveria uma vantagem desleal na competição. O argumento principal é que os EAA são considerados meios “artificiais”, “ilegais”, “não naturais”, “desonestos” de se atingir uma boa performance.

No entanto, esta visão está atrelada à condenação legal do uso. Talvez seja por isso que o maior problema seja o uso fora do ambiente esportivo, ou seja, o uso estético onde o apelo ético é menor, pois as implicações desse uso refletiriam apenas na saúde do usuário, não comprometendo as regras do mundo esportivo. Sendo assim, nos espaços das academias de ginástica, onde os usos de EAA são mais aceitos e admitidos entre os praticantes da musculação, há também o excesso de informações controversas que acabam por acarretar os maiores danos à saúde relativos ao uso de EAA.

A insatisfação dos homens com a aparência de seus corpos e sua relação com as práticas para tonificar e modificar o corpo têm apresentado um crescimento entre homens jovens de todas camadas e padrões sociais variados. Embutida aí está a questão mais geral do que Malysse (2002) chamou de “corpolatria”, para se referir a uma espécie de corpocentrismo que ele indica ser privilégio dos “cariocas”, mas que Breton (2003) já chamara de “produção farmacológica de si”. É oportuno desenvolver trabalhos que focalizam a satisfação ou a insatisfação corporal masculina e sua vinculação com os comportamentos relacionados à reafirmação de um *ethos* juvenil masculino agressivo/guerreiro (cf. Cecchetto, 2004).

Ressalta-se também a imprensa especializada como um ambiente que sustenta a homosociabilidade (Connel,1995), uma rede de interação social onde se estabelecem alianças entre iguais, no caso um espaço reservado para os homens musculosos e heterossexuais (Sabino, 2002), também descritos como “cascas-grossa” (Cecchetto, idem).



O crescimento do uso “ilícito” de EAA e também dos chamados “suplementos” ainda é pouco explorado como objeto de investigação científica, permanecendo relativamente desconhecido, assim como o campo em que estas substâncias circulam. Esta aproximação com a literatura especializada foi um exercício neste sentido, de modo a aproximar o olhar dos discursos e imagens que permeiam o universo dos lutadores, seus especialistas e os usuários destas substâncias.

### *Bibliografia*

- Bourdieu, Pierre. *Os usos sociais da ciência*. Por uma sociologia clínica do campo científico. SP, Ed. Unesp, 2004.
- Cecchetto, F. *Violência e Estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- Connel, R. *Masculinities*. Berkeley: University of California Press, 1995.
- Courtine, J.J. “Os stakhanovistas do narcisismo: body building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo”. In: Sant’Anna, D.( org) *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação liberdade, 1995.
- Da Silva, Paulo Rodrigo P; Danielski, Ricardo; Czepielewski, Mauro Antônio. “Esteróides anabolizantes no esporte”. *Rev.Bras Med Esporte* –Vol.8, no 6 – Nov/Dez, 2002.
- Evans, N.A. Current Concepts in Anabolic-Androgenic Steroids. *The American Journal of Sports Medicine*, Vol. 32, No. 2., 2004. DOI: 10.1177/0363546503262202.
- Farias, Patrícia. “Belezas negras à vista: a presença negra na publicidade brasileira dos anos 70”. In: \_\_\_\_; Travancas, Isabel (orgs.), *Antropologia e comunicação*. RJ, Garamond/Faperj, 2003, pp. 209-225.
- Farias, Patrícia. “Festa, nação, etnia, personalidade: notícias da Abolição”. In: Maggie, Yvonne; Contins, Márcia (orgs.), *Quase catálogo 6: Visões da Abolição 1988*. RJ, MIS/CIEC-UFRJ, 1997, pp. 134-160.
- Handelsman, D. J. Testosterone: use, misuse and abuse. *Medical Journal of Australia*. Vol 185, N 8. P.436-439, 2006.
- Iriart, Jorge. A. B; Andrade, Tarcísio. M. “Musculação, uso de esteróides anabolizantes e percepção de risco entre jovens fisiculturistas de um bairro popular de Salvador, Bahia, Brasil” *Cad. Saúde Pública* v.18 n.5 Rio de Janeiro set/out.2002.
- Kanayama, J et al. Long-Term Psychiatric and Medical Consequences of Anabolic-Androgenic Steroid Abuse: A Looming Public Health Concern? *Drug Alcohol Depend.* Author manuscript; available in PMC 2009 November 1. Published in final edited form as: *Drug Alcohol Depend.* 2008 November 1; 98(1-2): 1–12. Published online 2008 July 2. doi: 10.1016/j.drugalcdep.2008.05.004.
- Kayser, B., Mauron, A. , Miah, A. Current anti-doping policy: a critical appraisal. *BMC Medical Ethics* 2007,8:2. Published 29 March, 2007. [HTTP://biomedcentral.com/1472-6939/8/2](http://biomedcentral.com/1472-6939/8/2).
- Klein, A. M. *Little big men: bodybuilding subculture and gender construction*. State University of New York Press, Albany, 1993.
- Le Breton, D. *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.
- Lise, M.L.Z; Gama e Silva, T. S. da Ferigolo, M. (1999). *O abuso de esteróides anabólico-androgênico em atletismo*. Ver. Assoc. Méd. Brs., 45: 364-370.
- Magnani, J. G. C. *O circuito dos jovens urbanos*. Social, 2005, vol.17, n. 2.



Malisse, S. “Em busca dos (H) alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca”. In: Goldenberg, M. et al. *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002. P 79-137.

Minayo, M, C. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*: São Paulo. Editora Hucitech, 2008.

Sabino, Cesar. “Anabolizantes: Drogas de Apolo”. In: Goldenberg, M. et tal. *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Talih, M, D. et al. Anabolic steroid abuse: Psychiatric and physical costs. *Cleveland Clinic Journal of Medicine* vol.74. number 5, maio de 2007.

Thiblin, I. Pärklo, T. *Anabolic androgenic steroids and violence*. *Acta Psychiatr Scand* 2002; 106 (suppl, 412): 125-128.

Weatherburn, D. *Dilemmas in harm minimization*. *Addiction*, 104, 335-339. 2009.